

Mídia digital brasileira e "terrorismo" no pós-07/10/2023: uma breve proposta de análise a partir das postagens do G1 no Instagram¹

Beatriz Martins de CASTRO²
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná

Resumo

Este artigo visa levantar uma proposta preliminar de análise acerca da abordagem da mídia brasileira sobre os eventos de 07/10/2023, quando um ataque do Hamas atingiu Israel. A partir da observação das 30 primeiras postagens do G1 a respeito do tema no Instagram, busca-se refletir sobre as representações (Hall, 2016) orientalistas (Said, 1990) acerca do “grande grupo de Outros” identificados como árabes-muçulmanos-palestinos. Diante dos resultados encontrados – enxutos e iniciais – foi possível observar uma opção discursiva que privilegia a associação da violência e do “terrorismo” ao grupo palestino, ao invés de uma contextualização histórica dos conflitos.

Palavras-chave: Redes sociais; Israel; Palestina; Terrorismo; Representação.

Introdução

No dia 07 de outubro de 2023, o grupo Hamas, baseado na Palestina, promoveu um ataque surpresa contra Israel. No Brasil, o evento foi noticiado como uma "infiltração de *terroristas* armados, que passaram a massacrar civis" (DW, 2023, destaques meus). A partir de então, “Israel prometeu aniquilar o Hamas, que considera [...] uma organização *terrorista*” (G1, 2024, destaques meus).

Esse cenário acabou por gerar consequências, também, para a comunidade muçulmana brasileira. Barbosa, Souza e Silva (2023) lançaram um questionário virtual, respondido por centenas de pessoas muçulmanas residentes no país, entre revertidos (convertidos) à religião e nascidos nela. Neste, que originou o *II Relatório de Islamofobia no Brasil – Pós 07/10/2023* (Barbosa; Souza; Silva, 2023), os pesquisadores vinculados ao Grupo GRACIAS, da USP, verificaram que a vasta maioria dos respondentes entendia que “muitas” postagens passaram a retratar o Islam e os muçulmanos de maneira negativa após os ocorridos de 07/10/2023.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação, com ênfase em Comunicação e Cultura, na Universidade Federal do Paraná. Bacharela em Publicidade e Propaganda e em História – Memória e Imagem pela mesma instituição. Integrante do Obitel Brasil junto ao grupo UFPR e do Nefics (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada e Audiovisualidades), vinculado o PPGCOM UFPR. Bolsista Capes. E-mail: btmcastro@gmail.com

Mas, afinal, como os portais de notícias brasileiros retrataram, nas redes sociais, os eventos situados em tal data? O presente artigo é uma proposta, sugestão ou tentativa que visa começar a responder essa pergunta – mesmo que de maneira, ainda, bastante preliminar.

Considerando que, dentre os portais jornalísticos digitais de acesso gratuito no Brasil, o G1 possui um dos maiores públicos no Instagram – até este momento, em outubro de 2024, somam-se 9,5 milhões de seguidores³ – optou-se por partir das suas postagens para empreender a análise. Como amostra, foram selecionadas as 30 primeiras publicações referentes ao 07/10/2023.

Tomando como base as técnicas da Análise de Conteúdo (Bauer, 2002), coletou-se para a investigação os textos presentes nas imagens e legendas dessas publicações. No caso de vídeos, considerou-se o texto presente no *thumbnail* (a “capa” estática daqueles conteúdos, que abre os vídeos e/ou fica visível quando se navega pelo perfil virtual do jornal no Instagram).

Buscou-se, então, quantificar as postagens que atribuíam as situações de violência/ataques: 1) exclusivamente a Hamas/Palestina; 2) exclusivamente a Israel; 3) e “ambos os lados” (tanto Hamas/Palestina quanto Israel); e 4) as que não atribuíam tais situações a nenhum dos “lados”, explicitamente (nem Hamas/Palestina, nem Israel).

Após a coleta das publicações, os conteúdos foram dispostos e codificados em um quadro. Na sequência, foi feita a quantificação dos dados observados. A partir dos resultados, produziu-se interpretações e inferências.

É importante frisar que, neste trabalho, não se considera que tais postagens encerrem as perspectivas sobre o assunto – nem na mídia brasileira em geral, nem no próprio G1. Antes, o que se pretende é dar os primeiros passos rumo à proposição de uma maneira, dentre as várias possíveis, de se investigar o assunto.

Orientalismo e suas permanências

Se alguém “é brasileiro”, é porque “não é palestino”. Se “é cristão”, simultaneamente “não é muçulmano”. Nessas oposições, estão em jogo os conceitos de “identidade” e “diferença” – ou a definição daquilo que é o “eu” e aquilo que é o “Outro”.

³ O perfil do G1 no Instagram pode ser acessado em: <https://www.instagram.com/portalg1/>. Último acesso em 10/10/2024.

Por mais que tais oposições possam parecer simples – a identidade é “o que se é”, e a diferença é tudo o que, em contrapartida, “não se é” – é necessário que se observe tais conceitos – bem como os seus usos e desdobramentos – a partir de sua dimensão histórica, social e cultural.

Como discutido por diferentes autores alinhados aos Estudos Culturais, a identidade e a diferença, longe de serem marcadores neutros, operam por meio de hierarquias, sendo que “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (Da Silva, 2000, p. 81).

Isso implica, também, compreender que tanto a identidade quanto a diferença são – e precisam ser – construídas, especialmente pelo artifício da linguagem – seja ela verbal, visual, etc. Baseadas em palavras, conceitos e signos, a identidade e a diferença precisam ser nomeadas (Da Silva, 2000, p. 76-77) – e, assim, é necessário que “alguém” as nomeie.

Esse “alguém”, detentor do poder de assumir a identidade – desejável – e relegar à diferença a posição de “Outro” – indesejável – não é um indivíduo único. Na verdade, trata-se, em qualquer contexto – visto que diferentes contextos têm os seus próprios “eus” e os seus próprios “Outros” –, do resultado de uma história mais ampla de disputas. Nestas, estão envolvidas questões como poder bélico, militar, territorial; mas, paralela ou complementarmente, também o poder criar, difundir e naturalizar discursos específicos.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. [...] A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (Da Silva, 2000, p. 81).

Historicamente, portanto, o Ocidente – comumente compreendido como sendo formado por países europeus e, mais tarde, também pelos Estados Unidos da América – posicionou e posiciona o Oriente – especialmente, países asiáticos, africanos e do Oriente Médio – como um “Outro” fundamental. Dessa forma, tal qual a identidade define a diferença a partir de si própria, o Ocidente também o faz com o Oriente. De acordo com o intelectual palestino Edward Said (1990), isso ocorre por um processo surgido aproximadamente a partir do século XVIII e denominado “orientalismo”:

a instituição organizada para negociar com o Oriente – [...] *fazendo declarações a seu respeito*, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, [...] um estilo ocidental para dominar [...] o Oriente” (p. 15, destaques meus).

E estas não eram ou são, é evidente, declarações quaisquer. O Oriente seria o espaço, tanto físico quanto imaginário, daquilo que é “menor”, “atrasado”, “perigoso”, “clandestino” – o oposto à Europa e àquilo que se desejava que ela fosse (Said, 1990).

Said argumenta, ainda, que não apenas o surgimento, mas principalmente a manutenção, até tempos contemporâneos, das óticas orientalistas – dentro e fora da Europa – se deve à hegemonia conquistada pelo Ocidente:

certas formas culturais predominam sobre as outras, do mesmo modo que certas ideias são mais influentes que outras [...]. [É] o resultado da hegemonia em ação que confere ao orientalismo a [sua] durabilidade e força” (Said, 1990, p. 19).

Assim, mesmo que não sejam idênticas às veiculadas no século XVIII, imagens e notícias mais recentes “emprestam” significados construídos ao longo dos séculos a respeito do Oriente. Nesse movimento – de criar, recriar e “emprestar” imagens e seus significados – está envolvido também o processo que autores como Stuart Hall (2016) entendem por “representação”. Partindo de discussões originadas no campo da linguística, ele explica que

A relação entre “coisas” [do mundo], conceitos [mentais] e signos [palavras, fotografias] se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de “representação” (Hall, 2016, p. 38).

Ainda para Hall (2016, p. 41-42), “o sentido não está no objeto [...] e muito menos na palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. O sentido é construído pelo sistema de representação”.

Ou seja: somos “nós”, como cultura-sociedade, que, ao longo da história, passamos a associar “Oriente” a “atraso, repulsa, perigo, oposição”, por meio de sucessivas formas de representar esse Oriente – ou, para citar Said (1990), inventá-lo. Tal caracterização não é inata, natural ou estritamente necessária.

Não existe uma simples relação de reflexo, imitação ou correspondência direta entre a linguagem e o mundo real. O mundo não é precisamente refletido [...] no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência,

nós chamamos de “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação (Hall, 2016, p. 53-54).

Por mais que a caracterização do Outro oriental como repulsivo – ou sensual, no caso das mulheres – seja antiga (Burke, 2017), a partir dos eventos de 11 de setembro de 2001 nos EUA, quando duas aeronaves atingiram as torres do World Trade Center em um ataque atribuído à Al-Qaeda, essas categorias foram reatualizadas: as mulheres, grande parte das vezes, passaram a ser aquelas que precisavam ser “salvas” da opressão (Abu-Lughod, 2012); os homens, por sua vez, se transformaram nos “terroristas” – “monstros terríveis, capazes de toda brutalidade” (Barbosa; Souza; Silva, 2023).

“Terrorismo”, no caso, não é um termo de fácil definição. Para o desenvolvimento deste artigo, é proveitoso pontuar, adota-se uma perspectiva similar àquela que explora o historiador Peter Burke (2017), vinculada à desumanização mais especificamente direcionada aos adeptos do Islam. Considera-se “terrorismo”

um termo que atualmente evoca uma imagem de violência extrema e irracional. Se esses “terroristas” – iranianos, palestinos, curdos, etc. – forem redefinidos como “guerrilheiros”, eles recuperam seus rostos humanos [...]. “Terrorismo” está associado a termos pejorativos igualmente mal definidos tais como “fanatismo”, “extremismo” e, mais recentemente, “fundamentalismo”. Essas imagens hostis do Islã estão ligadas ao que é frequentemente descrito como “mentalidade oriental” (Burke, 2017, p. 191).

Nesse cenário, ainda que não seja possível posicionar o Brasil de maneira inquestionável na categoria do “Ocidente”, ressalta-se que mesmo em países marginalizados histórica e socialmente, como o Brasil, há hierarquias internas de raça, etnia, etc., que não são negligenciáveis (Crenshaw, 2002); e que os brasileiros também veem os árabes e muçulmanos como Outros, assim como faz o Ocidente clássico (Barbosa, 2022; Barbosa; Souza; Silva, 2023). Vale, ainda, salientar que “palestinos”, “árabes” e “muçulmanos” são identidades distintas entre si, mas que acabam sendo frequentemente “confundidas”:

A maioria das pessoas pensam que a maioria dos muçulmanos são árabes, [...] sendo que o grupo dos árabes é apenas a terceira maior população muçulmana no planeta [...] o que pode ser lido como uma manifestação de um *orientalismo banal que afeta a todos homogeneamente*. Tal orientalismo compreende que todos no Oriente Médio seriam muçulmanos, por exemplo. Assim, a nacionalidade

(palestina) é confundida com o pertencimento religioso (muçulmano) e com a etnia (árabe), numa confusão que praticamente nada explicita sobre a realidade factual (Barbosa; Souza; Silva, 2023, destaques meus).

Nessa “confusão” está inscrita, também, a racialização das pessoas muçulmanas, inclusive no Brasil. Processo complexo, essa racialização se deu ao longo dos anos e de diferentes regiões do globo por meio, dentre outros fatores, da “supremacia branca/protestante”; de diferentes formas de xenofobia; dos orientalismos europeu e estadunidense; e, mais recentemente, da ocupação – ou invasão – dos EUA em países orientais de maioria muçulmana, como o Afeganistão (Barbosa, 2022, p.5). Quanto a este último tópico, “é inegável que o pós-11/9 contribui substancialmente para o modo como o mundo olha para os muçulmanos, como se estes fossem inimigos do Ocidente e incapazes de se inserirem em outras sociedades que não fossem as de expressão islâmica” (ibidem).

Os eventos de 07/10/2023 foram um dos diversos a atualizar os discursos ocidentais – e de países ideologicamente identificados com/influenciados pelo Ocidente, como o Brasil – sobre o Oriente, o “terrorismo” e aqueles homogeneamente lidos como árabes-muçulmanos.

Após o Hamas, grupo armado baseado na Palestina, sequestrar e matar israelenses em um ataque surpresa realizado nessa data, foi “dado início” ao atual estágio da guerra com Israel, com imediatas promessas de aniquilação do “grupo terrorista” palestino por parte do presente líder israelense (G1, 2024). Sobre “inícios” de guerras é importante lembrar, não obstante, que a fundação do Estado de Israel (1948) e suas consequências é usualmente chamada de “Nakba” pelos palestinos. Tal palavra árabe significa “catástrofe” ou “desastre”. Somente naquela ocasião, “700 mil palestinos foram expulsos de suas terras e de 400 a 500 vilas palestinas foram destruídas” (Fonseca, 2024).

No *II Relatório de Islamofobia no Brasil – Pós 07/10/2023* (Barbosa; Souza; Silva, 2023), que foi construído com base nas respostas de 310 pessoas muçulmanas residentes no país e voltou-se especificamente a identificar possíveis resultados de curto prazo gerados pelo evento, foi verificado que: 69,2% das mulheres e 56% dos homens respondentes compreendiam que a intolerância contra muçulmanos e muçulmanas “aumentou muito” no Brasil após 7 de outubro de 2023; 64,3% das mulheres e 60,8% dos homens afirmaram ter passado por episódios de intolerância após essa data; 92,3% das

mulheres e 88% dos homens declararam que a cobertura da mídia contribuiu “muito” para a intolerância sofrida por eles. Nesse sentido, conclui o *II Relatório*, tanto muçulmanos quanto muçulmanas compreendem que

antes já havia islamofobia [medo, ódio ou repulsa ao Islam e aos muçulmanos, ou a pessoas lidas como muçulmanas] e que posteriormente ela aumentou ainda mais. [...] o fato é que identifica-se que a islamofobia é comum, é recorrente, relegando muçulmanas e muçulmanos a um espaço discursivo e representacional deletério (Barbosa; Souza; Silva, 2023, s/n).

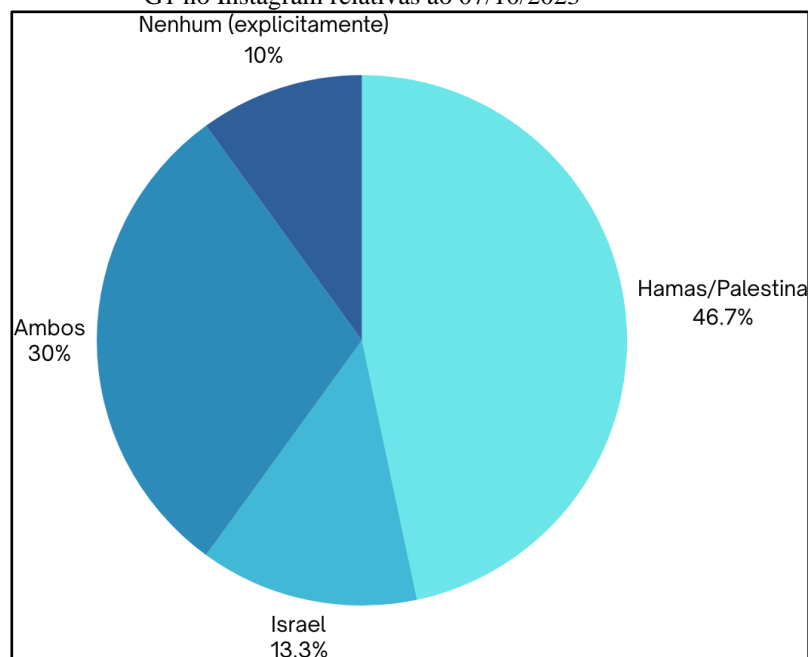
Neste artigo, portanto, busca-se observar uma das diversas atualizações do discurso orientalista sobre o Outro – lido, de forma generalizante, como árabe-muçulmano-palestino.

As primeiras postagens do G1 no Instagram

Durante a análise das 30 postagens selecionadas para o presente trabalho, foi observado que 14 delas atribuem situações de violência/ataques unicamente a Hamas/Palestina; 4 postagens atribuem situações de violência/ataques unicamente a Israel; 9 postagens atribuem situações de violência/ataques a “ambos os lados”; 3 postagens não atribuem violência/ataques, explicitamente, nem a Hamas/Palestina, nem a Israel, nem a ambos.

Primeiramente, nota-se que o número de postagens que atribuem situações de violência/ataques unicamente a Hamas/Palestina (14) é praticamente o mesmo do que todas as outras categorias somadas (16). Isso significa que, nos 30 primeiros conteúdos dedicados ao assunto, a página do G1 no Instagram utilizou quase metade desse espaço (46,6%) focando-se na violência desse “lado”. Enquanto isso, apenas 13,3% do espaço implicou Israel, de forma privilegiada ou exclusiva, nas situações de violência.

IMAGEM 1 – Representação gráfica do resultado quantitativo da análise das 30 primeiras postagens do G1 no Instagram relativas ao 07/10/2023



(FONTE: A autora, 2024)

Estaria essa opção relacionada à intensidade dos ataques de cada “lado”? Ainda que não se pretenda, aqui, medir perdas humanas em nenhum sentido, especialmente em termos tão simplistas e pouco sensíveis como os numéricos, os dados servem como base para tentar compreender quais escolhas foram mobilizadas nesse movimento.

Até 10 de outubro de 2023 – data das últimas postagens aqui analisadas – os números variavam entre 900 e 1.800 israelenses mortos, ao lado de 2.100 a 2.300 palestinos mortos (Uol, 2023; Martins, 2023; Casemiro & Calgaro, 2023). Assim, não havia, na ocasião, uma predominância absoluta entre mortos de cada “lado”. Atualmente, passado um ano desde o 07/10/2023, dados divulgados pelo portal Al Jazeera identificam ao menos 41.870 palestinos assassinados por Israel – o equivalente a uma pessoa a cada 55 em Gaza. Destes, 16.756 seriam crianças e 11.346 seriam mulheres (Chughtai; Okur, 2024).

É possível inferir, portanto, que a veiculação majoritária de postagens focadas na violência atribuída a Hamas/Palestina, ao menos no início do “conflito”, foi uma opção discursiva. Mesmo porque, ainda que o ataque de 07/10/2023 tenha sido “iniciado” pelo Hamas, o próprio G1 compartilhou uma postagem (G1, 2023) evidenciando que, nos últimos 15 anos, conflitos entre Israel e Palestina haviam resultado em pouco mais de

1.000 mortos israelenses. Enquanto isso, somente no ano de 2014, ocorreram mais de 2.000 mortes palestinas.

IMAGEM 2 – Números divulgados pelo G1 quanto às mortes de israelenses e palestinos, numa perspectiva histórica.



(FONTE: G1, 2023)

No mais, dentre as postagens aqui analisadas, a citada no parágrafo anterior foi a única a estabelecer qualquer tipo de contextualização histórica acerca dos eventos em curso. Porém, mesmo nela, notou-se uma espécie de “justificativa” para os números da violência israelense: “Em 2014, o sequestro de jovens *motivou* a espiral de violência que levou à ofensiva em Gaza” (G1, 2023, texto da imagem, destaques meus); “A ofensiva de Israel [em 2014] foi *motivada* pelo sequestro de adolescentes pelo Hamas” (G1, 2023, texto da legenda, destaques meus).

Considerando tais fatores, é possível compreender aquilo que foi confirmado por muçulmanos e muçulmanas no *II Relatório de Islamofobia no Brasil – Pós 7/10/2023* (Barbosa; Souza; Silva, 2023): “a cobertura midiática acerca dos eventos contribui para a intolerância contra muçulmanas e muçulmanos”. As consequências desse tipo de representação e fixação discursiva se tornam ainda mais expressivas quando consideramos a supracitada “confusão” entre muçulmanos, palestinos e árabes, lidos como um grande grupo homogêneo de Outros orientais.

Considerações finais

O presente artigo trouxe como proposta analisar, quantitativamente, os textos das 30 primeiras postagens do perfil do G1 no Instagram acerca dos eventos ocorridos em 07 de outubro de 2023, em conteúdos que abordassem diretamente a situação entre Israel e Hamas/Palestina a partir dessa data.

Essa análise adotou um recorte específico e, notavelmente, bastante breve. Entende-se, é evidente, que tal recorte não reflete a totalidade do discurso midiático brasileiro, nem ao menos do próprio G1, acerca das tensões aqui mobilizadas.

Todavia, ainda que trate de uma amostra restrita, os resultados encontrados colocam em evidência dados que reforçam conclusões colhidas em pesquisas anteriores – e reiteram a necessidade de uma revisão, por parte da mídia brasileira – não restrita apenas ao G1 – quanto à representação desse “grande grupo de Outros” composto por árabes, muçulmanos e palestinos.

Em pesquisas futuras, pretende-se encontrar resultados mais amplos, abrangentes e expressivos, considerando tanto mais postagens feitas pelo perfil do G1, como também postagens veiculadas por perfis de outros grandes jornais brasileiros. O objetivo será compreender, de maneira aprofundada, os cenários que aqui apenas começaram a ser observados e debatidos.

De toda maneira, expressa-se a urgência de uma reflexão, no campo comunicacional, sobre como – e por que – certos grupos, notavelmente aqueles distintos daquilo que se entende pelo “eu” da identidade majoritária brasileira, continuam sendo representados de determinadas maneiras. Mais ainda, propõe-se que essa não seja a única forma de representá-los – e que a abertura de diálogos com essas populações se faz necessária para uma comunicação mais justa, diversa e plural.

Referências

ABU-LUGOHD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 451-470, maio-agosto/2012.

BARBOSA, Francirosy Campos (org). **I Relatório de Islamofobia no Brasil**. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2022.

BARBOSA, Francirosy Campos; SOUZA, Felipe Freitas de; SILVA, Francisco Cleverton Pereira da. **II Relatório de Islamofobia No Brasil – Pós 7/10/2023**. Novembro de 2023. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1YxUS_ZtBNuWG23Hg9hNm0LacdVnJZUfb/view

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER; GASKEL (ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 189-217.

BOWEN, Jeremy. Como foi o mais surpreendente ataque do Hamas contra Israel. **BBC News Brasil**, 07 de out. de 2023. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw9v3rxdj94o>

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CASEMIRO, Poliana; CALGARO, Fernanda. Israel x Hamas: veja quantos são os estrangeiros mortos no conflito e de quais nacionalidades. **G1**, 10 de out. de 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/10/israel-x-hamas-veja-quantos-sao-os-estrangeiros-mortos-no-conflito-e-de-quais-nacionalidades.ghtml>

CHUGHTAI, Alia; OKUR, Muhammet. One year of Israel's war on Gaza. **Al Jazeera**, 08 de out. de 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2024/10/8/one-year-of-israels-war-on-gaza-by-the-numbers>

COMO ocorreu o ataque sem precedentes do Hamas a Israel. **DW**, 07 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-ocorreu-o-ataque-sem-precedentes-do-hamas-a-israel/a-67030011>

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, pp. 171-188, 1º semestre de 2002.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: DA SILVA (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 73-102.

FONSECA, Fernanda. Entenda o que foi a Nakba, a “catástrofe” palestina. **Poder360**, 15 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/historia/entenda-o-que-foi-a-nakba-a-catastrofe-palestina>

G1. **Conflito é o mais mortal em anos em Israel e na Palestina [...]**. 9 de out de 2023. Instagram: @portalg1. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyMXVaxRoIL/?img_index=2

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2016.

ISRAEL declara guerra após ataque do Hamas; conflito deixa mais de 500 mortos. **G1**, 07 de out. de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/07/israel-conflito-faixa-de-gaza-hamas.ghtml>

LEIA a nota do Hamas assumindo autoria dos ataques contra Israel. **PODER360**, 08 de out. de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/leia-a-nota-do-hamas-assumindo-autoria-dos-ataques-contr-israel/>

MARTINS, André. Guerra Israel-Hamas: número de mortos passa de 1.830; Itamaraty confirma morte de brasileiro. **Exame**, 10 de out. de 2023. Disponível em: <https://exame.com/mundo/guerra-israel-hamas-numero-de-mortos-passa-de-1-600-itamaraty-confirma-morte-de-brasileiro/>

NÚMERO de mortes em Gaza devido a ofensiva de Israel supera 30 mil, diz governo do Hamas. **G1**, 29 de fev. de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/02/29/numero-de-mortes-em-gaza-devido-a-ofensiva-de-israel-supera-30-mil-diz-governo-do-hamas.ghtml>

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Cia das Letras, 1990.

SOBE número de mortos em Israel e na Faixa de Gaza; Exército retomou a fronteira. **UOL**, 10 de out. de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/10/10/sobe-numero-de-mortos-em-israel-e-na-faixa-de-gaza-exercito-retomou-a-fronteira.htm>